

HELLEN KELLER

1880 - 1968

CEGA, SURDA, MUDA E DÉBIL MENTAL.

“Nasci a 22 de junho de 1880 em Tuscumbia - pequena cidade do norte de Alabama”. Assim começa sua autobiografia, uma das mulheres mais admiráveis dos últimos séculos: Hellen Keller.

Aos dezoito meses de idade ficou repentinamente cega e surda durante uma doença infecciosa.

“Meus primeiros dias de vida foram como os de toda criança: como primogênita que fui, cheguei, vi e venci”.

Na verdade, “Chegou, Viu e Venceu”, aquela mulher cega, surda, tida como muda e como débil mental, antes de poder mostrar ao mundo sua personalidade ímpar, sua inteligência de superdotada e seus característicos de espírito evoluído.

Hellen Keller viveu encarcerada na mais estreita prisão que se pode conceber - a sensorial - que lhe deveria causar completa incomunicabilidade. Contudo, rompeu barreiras até então intransponíveis, e abriu muitas portas aos excepcionais deficientes sensoriais.

Mas, não foi só isso. Independentemente de suas deficiências físicas, sua personalidade foi admirável. A respeito, disse Mark Twain: “As duas figuras mais interessantes do século XIX foram Napoleão e Hellen Keller”.

Aos sete anos de idade, extremamente nervosa com sua infinita solidão, tida como agressiva, difícil e retardada mental, começou uma fase nova. “O dia mais memorável de minha vida foi aquele em que a professora Ana Mansfield Sullivan, veio juntar-se a mim”.

Começou a descobrir, com a mestra dedicada, que as coisas tinham nome, e que os pensamentos e sentimentos podiam ser escritos com sinais. Entrou no horizonte da leitura e da escrita pelo processo dos dedos na palma das mãos.

Daí em diante a vida ficou “maravilhosa”.

“Luz! Luz! Era o grito incompreendido da minha alma. Nesse dia o astro luminoso raiou para mim”.

Estudou, pesquisou com o tato, o gosto e o olfato, escreveu livros e ensaios. Leu, no idioma original, entre outras, obras de Corneille, Alfred de Musset, Molière, Goethe, Schiller e Milton. Aprendeu o latim e o grego. Formou-se no Colégio Universitário de Radcliff aos vinte e quatro anos de idade.

As palavras dos mestres iam-lhe sendo rapidamente transmitidas pelas mãos, através do alfabeto dos mudos, e seus exames eram feitos em máquinas datilográficas comuns. Lia livros de letras gráficas em relevo, ou os livros em Braille que eram poucos.

Ouvia a linguagem oral dos outros colocando suas mãos nos lábios ou sobre as cordas vocálicas dos que falavam. E, por esse sistema, iniciou a própria fala.

Durante o estudo universitário, essa jovem solitária pela ausência da visão e da audição, contudo dizia: - “A única coisa que me desgosta é a falta de tempo para as minhas introspecções espirituais”.



Fez críticas de grande finura e sensibilidade sobre o ensino da época: “O cérebro sobrecarregado não pode gozar as riquezas intelectuais adquiridas a golpes de sacrifícios”.

Lendo a *Ilíada*, amou a Grécia.

Referiu-se à Bíblia dizendo: “Ela me deu a convicção de que as coisas eternas são exatamente aquelas que escapam à percepção dos sentidos”.

Aos vinte anos de idade escreveu sua obra mais famosa: “A História de Minha Vida”.

Pouco mais que adolescente, essa mulher conta ao mundo a sua magnífica experiência. Rememora, como raras pessoas puderam fazer, algumas ocorrências, de seus primeiros meses de vida, até a Universidade. Confronta o mundo interior ao mundo exterior, que pôde captar, identificando ressonâncias e dissonâncias. Traz à tona aspectos inéditos de vivência, e modelos de tenacidade, com a espontaneidade dos simples e puros de coração.

Quem não leu sua autobiografia, traduzida para quase todos os idiomas, perdeu alguma coisa que ninguém mais lhe pode dar.

Depois desse livro, Hellen não se preocupou mais em descrever-se. Dedicou toda a sua vida ao bem, ajudando os inválidos e os desesperados, não só diretamente, através de incontável correspondência, como de conferências e trabalhos que promoveu em favor dos deficientes.

Em 1896, no V Congresso da Associação pelo Ensino da Linguagem Oral aos Surdos, fez uma impressionante palestra que terminava assim: “No vencer as rudezas do caminho sentireis alegrias que não teríeis nunca, fosse a estrada confortável, e pudésseis caminhar direito...”.

Discutia-se sobre se o surdo deveria ou não ser introduzido na linguagem oral. Então ela lhes disse: “Havemos de falar e havemos de cantar porque Deus quer nossas palavras e nossos cantos”.

Seus resultados foram obtidos a golpes de energia e inteligência sem par, diz um de seus comentadores.

Hellen costumava assistir a concertos musicais. Gostava principalmente de solos de corda. Pousava suas mãos sobre o instrumento e “ouvia” a música. Contam que, certa vez, viram-na maravilhar-se quando tocaram o órgão de São Bartolomeu em sua presença, embora estivesse isolada no meio do templo.

Tivemos a ventura de, pessoalmente, conhecê-la e ouvi-la falar. Ainda era uma mulher muito bela, aparentando setenta e poucos anos. Seus olhos sem óculos, azuis claros, um pouco esfumados, contudo pareciam ter vida, e seu rosto agradável, emoldurado pelos cabelos grisalhos cobertos por pequeno chapéu florido, era irradiante de luz. Corpo esbelto, postura elegante, e gestos discretos, mas flexíveis.

No dia em que a conhecemos, Hellen, falava sobre a situação dos cegos, surdos-mudos, chamando a isso “um dos pequenos problemas da humanidade. Há outros muito mais graves”. Respondeu a perguntas, e fez os ouvintes rirem descontraídos, com seu senso de humor e suas respostas inesperadas. Nós, os do auditório, estávamos emocionados mas não apiedados. Entusiasmados, embora um pouco apequenados. Parecia-nos estar recebendo uma missionária de esfera superior, e de um tempo futuro. Não falou em estilo religioso ou filosófico, em alma, no bem ou em Deus, mas tudo isso parecia estar ali, dentro dela.

É claro que o timbre de sua voz era específico, um pouco mais agudo e ritmado do que o dos falantes comuns. Ela aprendera a falar sem ter ouvido qualquer som, nem ter visto ninguém e nada, para que pudesse imitar.

Em 2 de junho de 1968, com a idade de oitenta e oito anos, Hellen Keller desencarnou em Westport, Connecticut, depois de um pequeno ataque cardíaco que a deixou de cama por uma semana.

Para os deficientes sensoriais do mundo, Hellen é um marco.

Para os estudiosos das potencialidades humanas, representa um rico material de estudo; provavelmente, também para os simpatizantes da teoria de percepção extra-sensorial.

Mas outra coisa nela é ainda mais importante: A Vitória do espírito sobre a matéria, e a mensagem transmitida integralmente.

André Luiz, através do médium Francisco Cândido Xavier, nos lembra que muitos “Mensageiros” descem à Terra com tarefas específicas. Prometem vencer, e todas as facilidades lhes são proporcionadas.

A maioria regressa à Pátria Espiritual vencida, curvada pelos espinhos do caminho, envergonhada pelos fracassos, frustrada pela mensagem não transmitida.

A pequena de Alabama começou a desenvolver sua mensagem, justamente aos dezoito meses quando as mais importantes faculdades se trancaram em seu corpo e fecharam-na por dentro.

O espírito então despertou. A realidade interior venceu os obstáculos, curvou, talvez, o próprio destino com a vontade criadora da filha de Deus, e transmitiu a mensagem de esperança, a lição de ânimo, e a confiança na vitória da tenacidade, quando a direção é o progresso, e a meta é o Bem.